

Chico Buarque – ***Leite derramado***.

São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Regina Félix

Pois qual é o valor de todo nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?

Walter Benjamin

Pela imprensa já se obtiveram algumas leituras do quarto e mais recente livro de Chico Buarque, *Leite derramado*. Que é a saga de uma família em decadência, que é desdobramento de sua antiga canção “O Velho Francisco” (1987), que o ritmo de sua prosa provém de sua musicalidade, que o Bruxo do Leblon faz eco ao nosso Otelo do Cosme Velho, que sua *socioliteratura* reflete nossos conflitos de raça e classe e que lembra personagem de Samuel Beckett à beira da morte, notaram alguns que o avaliaram.

Contendo 23 partes, o livro se apresenta como se dividido em 23 conversas, um novo relato a cada dia de internação do centenário Eulálio Montenegro d’Assumpção num “hospital fétido”, por causa de uma fratura no fêmur. O que emoldura o discurso que dirige a enfermeiras, à filha, Maria Eulália, às “pessoas do povo” que se recuperam nas camas vizinhas e até mesmo à mãe já morta, ou seja, a quem estiver presente em vida ou na memória, é a descrição da trajetória da genealogia de Eulálios, que participaram da história luso-brasileira desde o século XV; desde “Eulálio Ximenes d’Assumpção, alquimista e médico particular de dom Manuel I” – e sempre muito perto dos donos do poder.

Mais próximo do narrador, que nasceu em 1907, o avô fora latifundiário e senhor de escravos, “figurão do Império”, e o pai, senador da República Velha. Este, “ereto e grave”, tinha hábitos típicos da elite da época, “homem de múltiplos interesses” – viajava amiúde ao encontro de cocotes no Ritz de Paris e vestia-se impecavelmente com camisas mandadas a engomar na Europa. Também, como muitos de seu meio, consumia cocaína vez por outra, guardada no estojo de ébano que reaparece nos dias de hoje nas

mãos do tetraneto de nosso Eulálio narrador, o menino Eulálio Palumba, traficante de drogas.

A substância da história narrada, já que os ilustres Eulálios são apenas uma linha no tempo, encontra-se nas relações que eles estabeleceram, principalmente a partir do Eulálio que nos fala, produto *sui generis* ele mesmo dessa linhagem. Eulálio Montenegro d'Assumpção, se de fato tem muito do machadiano Bentinho, torturado por aquele seu nocivo ciúme (“a espécie mais introvertida das invejas, [qu]e mordendo-se todo põe nos outros a culpa da sua feiura”), porque possuidor de uma fragilidade que o distingue de homens como seu próprio pai, nos lembra bastante um outro personagem de Machado. Em contraste com o pai, filho da austera e esnobe Maria Violeta (que gerenciava a casa *à la française* junto ao seu chofer, e às vezes *chef*, Auguste, claro, um francês), “Lalinho, Lalá, Lílico”, filho desta prematuramente enviuvada esposa de seu pai Eulálio, assassinado por um marido traído, é semelhante na infância ao caprichoso garoto Brás Cubas, o “menino diabo” – aproveita da bondade do moleque Balbino, da babá (“negona”) ao fazer “festinha naquelas suas tetas”, da lavadeira, urinando na sua pilha de roupas recém-engomadas.

Na vida adulta, também pode ser comparado ao protagonista de *Memórias póstumas*, mostrando-se profissionalmente desempenhado e melancólico, um tanto amofinado, isolado, sem amigos e de fato desconfiado: “talvez minha vida já fosse um pouco assim, uma dorzinha chata a me espetar o tempo todo”. A diferença é que Brás Cubas tinha uma origem difusa que o pai procurou retificar com uma ascendência de importância duvidosa, enquanto que na direção oposta, mas com o mesmo efeito, nosso Eulálio, cuja história chega até os dias de hoje, não pode mais ocultar as licenciosidades que comumente acompanham as mais sólidas estirpes – aquelas diferenças solapadoras de genealogias que se idealizam em identidades tautológicas, pretendendo se perpetuar, em sua suposta pureza, iguais a si mesmas.

E são distinções aquilo que impulsiona a narrativa, apesar da reiteração exaustiva da casta do narrador tencionando enfeixar com mão firme e em linha reta os esparsos fios da memória a partir de sua ascendência, que se mostra enfim tortuosa. Já de início, Eulálio procura distinguir-se dos demais no hospital e frisar que seu sobrenome não deve se confundir com o Assunção usado pelos seus criados, os Balbinos, como que a pedir entrada na família “sem sapato”. Sintomático das diferenças que apontamos, é o neto desta

outra linhagem, amigo da infância de Eulálio na fazenda do avô, ser quem despertará nele aquele sentimento comum – misto de volúpia e tirania – que o domínio do escravo pelo senhor aguça. Assim, na contramão do que se espera do sentido único das estirpes, é muito revelador não apenas que a primeira sensação de sua sexualidade se expresse em relação ao negro Balbino – “encasquetei que precisava enrabar o Balbino” – mas principalmente que seja também nesse relato onde menciona seu primeiro desejo por Matilde, aquela que será sua esposa, mesmo que “a mais moreninha das congregadas marianas” viesse a enfrentar o desprezo da sogra afrancesada.

Há aí um paralelo entre Matilde e Balbino, claro está, mas também entre ela e outros serviçais e suas expressões culturais. Pois, enquanto nada que provinha da cozinha da família era popular nacional, mas da Provença; enquanto para o narrador, sem o tino do pai, não restava dúvida de que “a porta certa se abriria sozinha”; enquanto todos nesse ambiente cultivavam a cultura europeia; enquanto Eulálio provinha de uma casta de Eulálios facilmente rastreável; Matilde amiúde se juntava ao chofer para comer, a Balbino para dançar, titubeava no francês e inicia seu romance com Eulálio “pela porta da cozinha”. Além disso, sendo a etnia oblíqua de Matilde um enigma (tem pele castanha, é mourisca ou mulata?), é definitivamente discriminada na linhagem de suas próprias irmãs “Anna Theresa, Anna Amélia, Anna Christina, Anna Leopoldina, Anna Isabel, Anna Regina”. Eulálio em relação a ela, por seu turno, não escondia o constrangimento com o fato de a esposa dançar tão naturalmente o maxixe, assobiar, cantar cantigas folclóricas, tendo enfim uma “vergonha e raiva de gostar de uma mulher que vive na cozinha”.

Há ademais outros desvios da probidade da família revelando imperfeições que em castas se procura ocultar. Para a mãe de Eulálio, há algum embaraço quanto ao motivo real da morte do marido e também quanto à existência dos parentes a respeito dos quais não se enfatizam a ascendência de “lábios grossos” e “cabelo pixaim”. Para Eulálio, a maior perplexidade, um sentimento vivido como desonra e desgosto, é o obscuro motivo do “desaparecimento de Matilde”. Porque a memória, como a experiência da vida, “é deveras um pandemônio”, não sabemos qual das versões citadas, ora pela filha, ora por ele próprio – eclâmpsia, esquizofrenia, acidente de carro, tuberculose – foi o que ocorreu. Mas cômico de sua memória falha (“são tantas as minhas lembranças, e lembranças de lembranças, que já não sei em qual camada da

memória eu estava agora”), mostra-nos que o objeto que lhe revolve a mente é aquilo que suscitou o que não foi vivido ao lado de Matilde, pois sobrou muito de sua paixão findo o tão pouco tempo de convívio.

A filha, por seu turno, é a personagem cuja trajetória contorcida imprime mais movimentos e conversões entre os Assumpção, sendo responsabilizada pela destituição de Eulálio nos dias atuais, o que ele experimenta como a decadência de uma família de prestígio e posses. Desde o primeiro marido de Maria Eulália, que lhes levou um palacete em negociata, à amante marchand que carrega objetos da família para leilões, e o companheiro que violentamente lhes arremata mais uma propriedade (e cuja negritude Eulálio não deixa de ressaltar), a família vai sendo depauperada – “minha filha perdeu muito de sua finesse depois que se misturou com uma gente de maus bofes”.

Com tudo isso, se por um lado os leitores podem não resistir a um certo fascínio pela notoriedade empertigada dos Eulálios, por outro, não lhes escapará o fato de que esta é afinal uma família de Copacabana ou da Tijuca como outra qualquer nos dias de hoje, fato que transparece se em vez de enfocarmos a decadência, crendo nos pontos áureos do passado, por assim dizer, olharmos retrospectivamente, como sugere Eulálio quando se refere àquele tetraneto, um dia assassinado como criminoso. Filho do bisneto preso político da ditadura e “de uma sua comparsa que pariu na prisão”, ao ouvir chamá-lo de negão a namorada, num momento íntimo, Eulálio pensa consigo mesmo – agora sem o preconceito de cor que outrora expressara: “o negão aí é descendente de dom Eulálio Penalva d’Assumpção, conselheiro do marquês de Pombal”.

E assim se desencadeia a corrente fluida e ininterrupta de recordações frouxas do *Leite derramado*, a melhor narrativa de Chico Buarque até agora. Uma existência vertida na estória que o contador não pode senão deixar emanar de si. A narrativa, ora em torrente, e sem pesar, se por um lado constata o desastre da vida de Eulálio, por outro, como memória falante que não quer calar, a despeito de quem queira ouvir, evoca o papel do narrador como coletor e transmissor de experiência. Passado o ocorrido através de cujo caminho ele foi largando pistas inefáveis, o narrador rastreia a própria memória em busca de significado. Como o Velho Francisco, pleno da abundância vital imanente no ser contemplador, apenas contabiliza: “vida veio e me levou”.